

Lunulariaceae H.Klinggr.

Denise Pinheiro da Costa

Jardim Botânico do Rio de Janeiro; denisepinheirodacosta@gmail.com

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: Lunulariaceae, *Lunularia*.

COMO CITAR

Costa, D.P. 2020. Lunulariaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97904>.

DESCRIÇÃO

LUNULARIACEAE H.Klinggr., Die höheren Crypt. Preuss. 9. 1858. Tipo: *Lunularia* Adans.
Família monogenérica.

Forma de Vida

Talosa, Tapete

Substrato

Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Área Antrópica, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul)

Lunularia Adans.

Este tratamento é composto pelos seguintes táxons: *Lunularia*, *Lunularia cruciata*.

COMO CITAR

Costa, D.P. Lunulariaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB97905>.

DESCRIÇÃO

Lunularia Adans., Fam. Pl. 2: 15. 1763. Tipo: *Lunularia cruciata* (L.) Dumort. ex Lindb., Not. Sällsk. Fauna Fl. Fenn. Förh. 9: 298. 1868. *Marchantia cruciata* L., Sp. Pl. 1: 1137. 1753. Tipo: Europa (síntipos: LINN 1269, OXF).

Talo verde-claro, com 1-2 cm compr., lobos com 4-12 mm larg., ramificação dicotômica, margens sinuoso-onduladas. Epiderme dorsal reticulada, com poros simples, formados por 3-5 anéis concêntricos de células hialinas e de paredes delgadas. Câmaras aeríferas em uma camada, com filamentos clorofilados simples. Escamas ventrais esparsas, em uma fileira de cada lado da nervura, lunuladas, hialinas, com apêndices orbiculares a reniformes. Gemas discoides, emarginadas, 0,5 mm diâm., agrupadas em receptáculos lunulados, com margem inteira, dispostos na superfície dorsal da nervura. Receptáculo masculino sésil, terminal, ovado, côncavo, 1,5 mm diâm., purpúreo. Receptáculo feminino sésil, lateral, cercado por invólucro de escamas hialinas. Esporos tuberculados em ambas as superfícies. Dioica.

COMENTÁRIO

Gênero monoespecífico.

Forma de Vida

Talosa, Tapete

Substrato

Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Nativa, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Área Antrópica, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul)

BIBLIOGRAFIA

Bischler-Causse, E. et al. 2005. Fl. Neotr., Monog. 97: 1-262.

Lunularia cruciata (L.) Dumort.

Tem como sinônimo

homotípico *Marchantia cruciata* L.

DESCRIÇÃO

Lunularia cruciata (L.) Dumort. ex Lindb., Not. Sällsk. Fauna Fl. Fenn. Förh. 9: 298. 1868. *Marchantia cruciata* L., Sp. Pl. 1: 1137. 1753. Tipo: Europa (síntipos: LINN 1269, OXF).

Talo verde-claro, com 1-2 cm compr., lobos com 4-12 mm larg., ramificação dicotômica, margens sinuoso-onduladas. Epiderme dorsal reticulada, com poros simples, formados por 3-5 anéis concêntricos de células hialinas e de paredes delgadas. Câmaras aeríferas em uma camada, com filamentos clorofilados simples. Escamas ventrais esparsas, em uma fileira de cada lado da nervura, lunuladas, hialinas, com apêndices orbiculares a reniformes. Gemas discoides, emarginadas, 0,5 mm diâm., agrupadas em receptáculos lunulados, com margem inteira, dispostos na superfície dorsal da nervura. Receptáculo masculino séssil, terminal, ovado, côncavo, 1,5 mm diam., purpúreo. Receptáculo feminino séssil, lateral, cercado por invólucro de escamas hialinas. Esporos tuberculados em ambas as superfícies. Dioica.

COMENTÁRIO

Distribuição e ecologia: Ampla no mundo. No Brasil ocorre no domínio Mata Atlântica, nos estados de MG, PR, RJ, RS, SP, no solo de estufas e jardins, em áreas urbanas com distúrbios antrópicos, entre 0-1250 m.

Comentários: Se caracteriza pelas gemas em receptáculos lunulados na superfície dorsal do talo. Esta espécie foi introduzida em muitas localidades no mundo e no Brasil pela atividade humana, porque suas gemas vieram nos solos junto com plantas cultivadas em jardins e estufas. Foi citada no Brasil pela primeira vez por Vianna (1970) para RS, Porto Alegre.

Forma de Vida

Talosa, Tapete

Substrato

Terrícola

DISTRIBUIÇÃO

Cultivada, não é endêmica do Brasil

Domínios Fitogeográficos

Mata Atlântica

Tipos de Vegetação

Área Antrópica, Floresta Ombrófila (Floresta Pluvial)

Distribuição Geográfica

Ocorrências confirmadas

Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Sul (Paraná, Rio Grande do Sul)

MATERIAL TESTEMUNHO

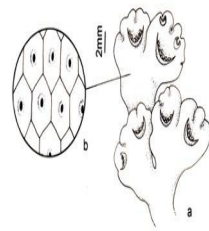
Vianna, E.C., s.n., ICN, 10577, ICN, 11170, Rio Grande do Sul

Santos, N.D., 546, RB, Rio de Janeiro

Vital, D.M., 1712, SP, São Paulo

Santos, E.L., 602, HUCC, Paraná

IMAGENS DE CAMPO/ILUSTRAÇÕES



Lunularia cruciata. A. Talos em vista dorsal com conceptáculos lunulados com gemas. B. Detalhe das câmaras aeríferas e poros na superfície dorsal do talo.

Maria Alice de Rezende

Figura 1: *Lunularia cruciata* (L.) Dumort.

BIBLIOGRAFIA

Bischler-Causse, E. et al. 2005. Fl. Neotr., Monog. 97: 1-262.